

ESTE POBRE CLAMA E O SENHOR O ESCUTA

II Dia Mundial dos Pobres - 18 de novembro de 2018

SUBSÍDIO PASTORAL

APRESENTAÇÃO

«Este pobre clama e o Senhor o escuta». São estas as palavras do Salmo 34 que servem de moldura ao *II Dia Mundial dos Pobres* e em torno das quais gira a Mensagem que o Papa Francisco quis oferecer à Igreja, resumindo-as em três palavras: *clamar*, *responder* e *libertar*.

São três verbos que identificam a ação de Deus e revelam o seu amor misericordioso pelo homem. A pobreza não se esgota numa palavra, mas «torna-se um *brado* que atravessa os céus e chega a Deus» (n. 2). O Senhor, por sua vez, não se limita a escutar este desesperado pedido de ajuda, mas *responde-lhe*, participando na condição do pobre, para «repor a justiça e ajudar a retomar a vida com dignidade» (n. 3). A esperança do pobre não é desiludida e Deus intervém a seu favor, para lhe dar de novo a dignidade perdida e *libertá-lo* das «amarras da pobreza» (n. 4).

Estes verbos referem-se também a nós e deveriam levar-nos a estar prontos diante dos pobres que, também no nosso tempo, *clamam* todos os dias. Tomando como ícone o cego Bartimeu (cf. Mc 10,46-52), o Papa Francisco sublinha o modo como tantos pobres podem identificar-se com este pobre que se encontra à beira do caminho e que muitos queriam mandar calar. Também hoje, de facto, «as vozes que se ouvem são de repreensão e convite a estar calados e a sofrer» (n. 5). Muitas vezes, contudo, este clamor não consegue chegar aos nossos ouvidos e tocar os

nossos corações, deixando-nos indiferentes e incapazes de *responder*. Demasiadas vezes, efetivamente, os pobres são considerados «como pessoas não apenas indigentes, mas também portadoras de insegurança, instabilidade, extravio dos costumes da vida diária e, conseqüentemente, pessoas que devem ser repelidas e mantidas ao longe» (n. 5). Mesmo assim, a salvação de Deus deveria tomar a forma da nossa mão estendida ao pobre, levando-o a sentir a amizade de que precisa e levando-o a experimentar a proximidade que o *liberta*: «Cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus ao serviço da libertação e promoção dos pobres» (*Evangelii Gaudium*, 187).

Este instrumento pretende ser um simples auxílio, oferecido às dioceses, às paróquias e a todas as realidades eclesiais, para se prepararem para a vivência do *II Dia Mundial dos Pobres*, para que, uma vez mais, seja um momento forte em que se dirige o olhar cada vez mais para os pobres, se escuta o seu clamor e não se deixa que lhes falte a nossa ajuda e a nossa proximidade.

† Rino Fisichella
*Presidente do Conselho Pontifício
para a Promoção da Nova Evangelização*

AGRADECIMENTOS

Agradece-se especialmente às seguintes pessoas, pelo contributo dado para a realização deste subsídio:

Mons. Antonio Pitta (Pontifícia Universidade Lateranense)

P. Dominik Markl SJ (Pontifício Instituto Bíblico)

P. Eleuterio Ruiz (Pontifícia Universidade Católica Argentina)

Prof. Stefano Toschi (ISSR, Bolonha)

Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral

Irmãs Franciscanas da Divina Providência – Missão de Timor Leste – Comunidades de Oecusse e Díli

MENSAGEM DO SANTO PADRE PARA O II DIA MUNDIAL DOS POBRES

*Domingo XXXIII do Tempo Comum
18 de novembro de 2018*

1. «Este pobre clama e o Senhor o escuta» (Sl 34,7). Façamos também nossas estas palavras do Salmista, quando nos vemos confrontados com as mais variadas condições de sofrimento e marginalização em que vivem tantos irmãos e irmãs, que nos habituamos a designar com o termo genérico de «pobres». O autor de tais palavras não é alheio a esta condição; antes pelo contrário, experimenta diretamente a pobreza e, todavia, transforma-a num cântico de louvor e agradecimento ao Senhor. Hoje, este Salmo permite-nos também a nós, rodeados por tantas formas de pobreza, compreender quem são os verdadeiros pobres para os quais somos chamados a dirigir o olhar a fim de escutar o seu clamor e reconhecer as suas necessidades.

Nele se diz, antes de mais nada, que o Senhor escuta os pobres que clamam por Ele e é bom para quantos, de coração dilacerado pela tristeza, a solidão e a exclusão, n'Ele procuram refúgio. Escuta todos os que são espezinhados na sua dignidade e, apesar disso, têm a força de levantar o olhar para o Alto a fim de receber luz e conforto. Escuta os que se veem perseguidos em nome duma falsa justiça, oprimidos por políticas indignas deste nome e intimidados pela violência; e, contudo, sabem que têm em Deus o seu Salvador. O primeiro elemento que sobressai nesta oração é o sentimento de abandono e confiança num Pai que escuta e acolhe. Sintonizados com estas palavras, podemos compreender mais profundamente aquilo que Jesus proclamou com a bem-aventurança «felizes os pobres em espírito, porque deles é o Reino do Céu» (Mt 5,3).

Entretanto devido ao caráter único desta experiência, sob muitos aspetos imerecida e impossível de se expressar plenamente, sente-se o desejo de a comunicar a outros, a começar pelos que são – como o Salmista – pobres,

rejeitados e marginalizados. De facto, ninguém se pode sentir excluído do amor do Pai, sobretudo num mundo onde frequentemente se eleva a riqueza ao nível de primeiro objetivo e faz com que as pessoas se fechem em si mesmas.

2. O Salmo caracteriza a atitude do pobre e a sua relação com Deus, por meio de três verbos. O primeiro: «**clamar**». A condição de pobreza não se esgota numa palavra, mas torna-se um brado que atravessa os céus e chega a Deus. Que exprime o brado dos pobres senão o seu sofrimento e solidão, a sua desilusão e esperança? Podemos interrogar-nos: como é possível que este brado, que sobe à presença de Deus, não consiga chegar aos nossos ouvidos e nos deixe indiferentes e impassíveis? Num *Dia* como este, somos chamados a fazer um sério exame de consciência para compreender se somos verdadeiramente capazes de escutar os pobres.

Necessitamos da escuta silenciosa para reconhecer a sua voz. Se nós falarmos demasiado, não conseguiremos escutá-los a eles. Muitas vezes, temo que tantas iniciativas, apesar de meritórias e necessárias, visem mais comprazer-nos a nós mesmos do que acolher verdadeiramente o clamor do pobre. Se assim for, na hora em que os pobres fazem ouvir o seu brado, a reação não é coerente, não é capaz de sintonizar com a condição deles. Vive-se tão encurralado numa cultura do indivíduo obrigado a olhar-se ao espelho e a cuidar exageradamente de si mesmo, que se considera suficiente um gesto de altruísmo para ficar satisfeito, sem se comprometer diretamente.

3. Um segundo verbo é «**responder**». O Salmista diz que o Senhor não só escuta o clamor do pobre, mas também responde. A sua resposta – como atesta toda a história da salvação – é uma intervenção cheia de amor na condição do pobre. Foi assim, quando Abraão expressara a Deus o seu desejo de possuir uma descendência, apesar de ele e a esposa Sara, já idosos, não terem filhos (cf. Gn 15,1-6). O mesmo aconteceu quando Moisés, do fogo duma sarça que ardia sem se consumir, recebeu a revelação do nome divino e a missão de fazer sair o povo do Egito (cf. Ex 3,1-15). E esta resposta confirmou-se ao longo de todo o caminho do povo pelo deserto:

tanto quando sentia os apertos da fome e da sede (cf. Ex 16,1-16; 17, 1-7), como quando caía na miséria pior, ou seja, na infidelidade à aliança e na idolatria (cf. Ex 32,1-14).

A resposta de Deus ao pobre é sempre uma intervenção salvadora para cuidar das feridas da alma e do corpo, repor a justiça e ajudar a retomar a vida com dignidade. A resposta de Deus é também um apelo para que toda a pessoa que acredita n'Ele possa, dentro dos limites humanos, fazer o mesmo. O *Dia Mundial dos Pobres* pretende ser uma pequena resposta, dirigida pela Igreja inteira dispersa por todo o mundo, aos pobres de todo o género e de todo o lugar a fim de não pensarem que o seu clamor caíra em saco roto. Provavelmente, é como uma gota de água no deserto da pobreza; e, contudo, pode ser um sinal de solidariedade para quantos passam necessidade a fim de sentirem a presença ativa dum irmão ou duma irmã. Não é de um ato de delegação que os pobres precisam, mas do envolvimento pessoal de quantos escutam o seu brado. A solicitude dos crentes não pode limitar-se a uma forma de assistência – embora necessária e providencial num primeiro momento –, mas requer aquela «atenção amiga» (Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, 199) que aprecia o outro como pessoa e procura o seu bem.

4. O terceiro verbo é «**libertar**». O pobre da Bíblia vive com a certeza de que Deus intervém em seu favor para lhe devolver dignidade. A pobreza não é procurada, mas criada pelo egoísmo, a soberba, a avidez e a injustiça: males tão antigos como o homem, mas sempre pecados são, acabando enredados neles tantos inocentes com dramáticas consequências sociais. A ação libertadora do Senhor é um ato de salvação em prol de quantos Lhe manifestaram a sua aflição e angústia. As amarras da pobreza são quebradas pelo poder da intervenção de Deus. Muitos Salmos narram e celebram esta história da salvação, que se verifica na vida pessoal do pobre: «Ele não desprezou nem desdenhou a aflição do pobre, nem desviou dele a sua face; mas ouviu-o, quando Lhe pediu socorro» (Sl 22,25). Poder contemplar a face de Deus é sinal da sua amizade, da sua proximidade, da sua salvação. «Viste a minha miséria e conhecestes a angústia da minha alma; (...) deste aos meus pés um caminho espaçoso» (Sl 31,8b.9). Dar ao pobre um «caminho

espaçoso» equivale a libertá-lo da «armadilha do caçador» (cf. Sl 91,3), a tirá-lo da armadilha montada no seu caminho, para poder caminhar sem impedimentos e olhar serenamente a vida. A salvação de Deus toma a forma duma mão estendida ao pobre, que oferece acolhimento, protege e permite sentir a amizade de que necessita. É a partir desta proximidade concreta e palpável que tem início um genuíno percurso de libertação: «Cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus ao serviço da libertação e promoção dos pobres, para que possam integrar-se plenamente na sociedade; isto supõe estar docilmente atentos, para ouvir o clamor do pobre e socorrê-lo» (Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, 187).

5. Não cessa de comover-me o caso – referido pelo evangelista Marcos (cf. 10,46-52) – de Bartimeu, na pessoa de quem vejo identificados tantos pobres. O cego Bartimeu era um mendigo, que «estava sentado à beira do caminho» (10,46); tendo ouvido dizer que ia a passar Jesus, «começou a gritar» e a invocar o «Filho de David» para que tivesse piedade dele (cf. 10,47). «Muitos repreendiam-no para o fazer calar, mas ele gritava cada vez mais» (10,48). O Filho de Deus escutou o seu brado e «perguntou-lhe: “Que queres que te faça?” “Mestre, que eu veja!” – respondeu o cego» (10,51). Esta página do Evangelho torna visível aquilo que o Salmo anunciava como promessa. Bartimeu é um pobre que se encontra desprovido de capacidades fundamentais, como o ver e o poder trabalhar. Também hoje não faltam percursos que levam a formas de precariedade. A falta de meios basilares de subsistência, a marginalização quando já não se está na plenitude das próprias forças laborais, as diversas formas de escravidão social, apesar dos progressos realizados pela humanidade... Como Bartimeu, quantos pobres há hoje à beira da estrada e procuram um significado para a sua condição! Quantos se interrogam acerca dos motivos por que chegaram ao fundo deste abismo e sobre o modo como sair dele! Esperam que alguém se aproxime deles, dizendo: «Coragem, levanta-te que Ele chama-te» (10,49). Com frequência, infelizmente, verifica-se o contrário: as vozes que se ouvem são de repreensão e convite a estar calados e a sofrer. São vozes desafinadas, muitas vezes regidas por uma fobia para com os pobres,

considerados como pessoas não apenas indigentes, mas também portadoras de insegurança, instabilidade, extravio dos costumes da vida diária e, conseqüentemente, pessoas que devem ser repelidas e mantidas ao longe. Tende-se a criar distância entre nós e eles, não nos dando conta de que, assim, acabamos distantes do Senhor Jesus, que não os afasta mas chama-os a Si e consola-os. Como soam apropriadas a este caso as palavras do profeta relativas ao estilo de vida do crente: «libertar os que foram presos injustamente, livrá-los do jugo que levam às costas, pôr em liberdade os oprimidos, quebrar toda a espécie de opressão, repartir o teu pão com os esfomeados, dar abrigo aos infelizes sem casa, atender e vestir os nus» (Is 58, 6-7). Este modo de agir faz com que o pecado seja perdoado (cf. 1Ped 4, 8), a justiça percorra a sua estrada e, quando formos nós a clamar pelo Senhor, Ele nos responda dizendo: Aqui estou! (cf. Is 58,9).

6. Os primeiros habilitados a reconhecer a presença de Deus e a dar testemunho da sua proximidade à própria vida são os pobres. Deus permanece fiel à sua promessa e, mesmo na escuridão da noite, não deixa faltar o calor do seu amor e da sua consolação. Contudo, para superar a opressiva condição de pobreza, é necessário aperceber-se da presença de irmãos e irmãs que se ocupem deles e que, abrindo a porta do coração e da vida, lhes façam sentir bem-vindos como amigos e familiares. Somente deste modo podemos descobrir «a força salvífica das suas vidas» e «colocá-los no centro do caminho da Igreja» (Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, 198).

6. Neste *Dia Mundial*, somos convidados a tornar concretas as palavras do Salmo: «Os pobres comerão e serão saciados» (Sl 22, 27). Sabemos que no templo de Jerusalém, depois do rito do sacrifício, tinha lugar o banquete. Esta foi uma experiência que, no ano passado, enriqueceu a celebração do primeiro *Dia Mundial dos Pobres*, em muitas dioceses. Muitos encontraram o calor duma casa, a alegria duma refeição festiva e a solidariedade de quantos quiseram compartilhar a mesa de forma simples e fraterna. Gostaria que, também neste ano e para o futuro, este *Dia* fosse celebrado sob o signo da alegria pela reencontrada capacidade de estar juntos. Rezar juntos em comunidade e compartilhar a refeição no dia de domingo é uma

experiência que nos leva de volta à primitiva comunidade cristã, que o evangelista Lucas descreve em toda a sua originalidade e simplicidade: «Eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à fração do pão e às orações. (...) Todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum. Vendiam terras e outros bens e distribuíam o dinheiro por todos, de acordo com as necessidades de cada um» (At 2,42.44-45).

7. Inúmeras são as iniciativas que a comunidade cristã empreende para dar um sinal de proximidade e alívio às muitas formas de pobreza que estão diante dos nossos olhos. Muitas vezes, a colaboração com outras realidades, que se movem impelidas não pela fé mas pela solidariedade humana, consegue prestar uma ajuda que, sozinhos, não poderíamos realizar. O facto de reconhecer que, no mundo imenso da pobreza, a nossa própria intervenção é limitada, frágil e insuficiente leva a estender as mãos aos outros, para que a mútua colaboração possa alcançar o objetivo de maneira mais eficaz. Somos movidos pela fé e pelo imperativo da caridade, mas sabemos reconhecer outras formas de ajuda e solidariedade que se propõem, em parte, os mesmos objetivos; desde que não transcuremos aquilo que nos é próprio, ou seja, conduzir todos a Deus e à santidade. Uma resposta adequada e plenamente evangélica, que podemos realizar, é o diálogo entre as diversas experiências e a humildade de prestar a nossa colaboração, sem qualquer espécie de protagonismo.

À vista dos pobres, não se perca tempo a lutar pela primazia da intervenção, mas reconheçamos humildemente que é o Espírito quem suscita gestos que sejam sinal da resposta e da proximidade de Deus. Quando encontramos o modo para nos aproximar dos pobres, saibamos que a primazia compete a Ele que abriu os nossos olhos e o nosso coração à conversão. Não é de protagonismo que os pobres têm necessidade, mas de amor que sabe esconder-se e esquecer o bem realizado. Os verdadeiros protagonistas são o Senhor e os pobres. Quem se coloca ao serviço é instrumento nas mãos de Deus, para fazer reconhecer a sua presença e a sua salvação. Recorda-o São Paulo quando escreve aos cristãos de Corinto, que competiam entre eles a propósito dos carismas procurando os mais prestigiosos: «Não pode o olho dizer à mão: “Não tenho necessidade de ti”; nem tão pouco a cabeça

dizer aos pés: “Não tenho necessidade de vós”» (1Cor 12,21). Depois, o Apóstolo faz uma consideração importante, observando que os membros do corpo que parecem mais fracos são os mais necessários (cf. 12,22) e, «aqueles que parecem ser os menos honrosos do corpo, a esses rodeamos de maior honra e, aqueles que são menos decentes, nós os tratamos com mais decoro; os que são decentes, não têm necessidade disso» (12,23-24). Ao mesmo tempo que dá um ensinamento fundamental sobre os carismas, Paulo educa também a comunidade para a conduta evangélica com os seus membros mais fracos e necessitados. Longe dos discípulos de Cristo sentimentos de desprezo e de pietismo para com eles; antes, são chamados a honrá-los, a dar-lhes a precedência, convictos de que eles são uma presença real de Jesus no meio de nós. «Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a Mim mesmo o fizestes» (Mt 25,40).

8. Por isto se compreende quão distante esteja o nosso modo de viver do modo de viver do mundo, que louva, segue e imita aqueles que têm poder e riqueza, enquanto marginaliza os pobres considerando-os um descarte e uma vergonha. As palavras do Apóstolo são um convite a dar plenitude evangélica à solidariedade com os membros mais fracos e menos dotados do corpo de Cristo: «Se um membro sofre, com ele sofrem todos os membros; se um membro é honrado, todos os membros participam da sua alegria» (1Cor 12,26). Na mesma linha, nos exorta ele na Carta aos Romanos: «Alegrai-vos com os que se alegram, chorai com os que choram. Preocupai-vos em andar de acordo uns com os outros; não vos preocupeis com as grandezas, mas entregai-vos ao que é humilde» (12,15-16). Esta é a vocação do discípulo de Cristo; o ideal para o qual se deve tender constantemente é assimilar cada vez mais em nós «os mesmos sentimentos, que estão em Cristo Jesus» (Flp 2,5).

9. Uma palavra de esperança torna-se o epílogo natural para onde nos encaminha a fé. Muitas vezes, são precisamente os pobres que põem em crise a nossa indiferença, filha duma visão da vida, demasiado imanente e ligada ao presente. O clamor do pobre é também um brado de esperança com que manifesta a certeza de ser libertado; esperança fundada no amor de Deus, que não abandona quem a Ele se entrega (cf. Rm 8,31-39). Santa

Teresa de Ávila deixara escrito no seu *Caminho de Perfeição*: «A pobreza é um bem que encerra em si todos os bens do mundo; assegura-nos um grande domínio; quero dizer que nos torna senhores de todos os bens terrenos, uma vez que nos leva a desprezá-los» (2,5). Na medida em que somos capazes de discernir o verdadeiro bem é que nos tornamos ricos diante de Deus e sábios diante de nós mesmos e dos outros. É mesmo assim: na medida em que se consegue dar à riqueza o seu justo e verdadeiro significado, cresce-se em humanidade e torna-se capaz de partilha.

10. Convido os irmãos bispos, os sacerdotes e de modo particular os diáconos, a quem foram impostas as mãos para o serviço dos pobres (cf. At 6,1-7), juntamente com as pessoas consagradas e tantos leigos e leigas que, nas paróquias, associações e movimentos, tornam palpável a resposta da Igreja ao clamor dos pobres, a viver este *Dia Mundial* como um momento privilegiado de nova evangelização. Os pobres evangelizam-nos, ajudando-nos a descobrir cada dia a beleza do Evangelho. Não deixemos cair em saco roto esta oportunidade de graça. Neste dia, sintamo-nos todos devedores para com eles, a fim de que, estendendo reciprocamente as mãos uns para os outros, se realize o encontro salvífico que sustenta a fé, torna concreta a caridade e habilita a esperança a prosseguir segura no caminho rumo ao Senhor que vem.

Vaticano, na Memória litúrgica de Santo António de Lisboa, 13 de junho de 2018.

Francisco

HOMILIA DO SANTO PADRE, PAPA FRANCISCO

I DIA MUNDIAL DOS POBRES

Basílica Vaticana
XXXIII Domingo do Tempo Comum
19 de novembro de 2018

Temos a alegria de repartir o pão da Palavra e, em breve, de repartir e receber o Pão eucarístico, alimentos para o caminho da vida. Deles precisamos todos nós, ninguém excluído, porque todos somos *mendigos do essencial*, do amor de Deus, que nos dá o sentido da vida e uma vida sem fim. Por isso, também hoje, estendemos a mão para Ele a fim de receber os seus dons.

E, precisamente de dons, nos fala a parábola do Evangelho. Diz-nos que somos destinatários dos talentos de Deus, «cada qual conforme a sua capacidade» (Mt 25,15). Antes de mais nada, reconheçamos isto: temos talentos, somos «talentosos» aos olhos de Deus. Por isso ninguém pode considerar-se inútil, ninguém pode dizer-se tão pobre que não possua algo para dar aos outros. Somos eleitos e abençoados por Deus, que deseja acumular-nos dos seus dons, mais do que um pai e uma mãe o desejam fazer aos seus filhos. E Deus, aos olhos de Quem nenhum filho pode ser descartado, confia uma missão a cada um.

De facto, como Pai amoroso e exigente que é, responsabiliza-nos. Vemos, na parábola, que a cada servo são dados talentos para os multiplicar. Mas enquanto os dois primeiros realizam a missão, o terceiro servo não faz render os talentos; restitui apenas o que recebera: «Com medo – diz ele –, fui esconder o teu talento na terra. Aqui está o que te pertence» (25,25). Como resposta, este servo recebe palavras duras: «mau e preguiçoso» (25,26). Nele, que desagradou ao Senhor? Diria, numa palavra (talvez caída um pouco em desuso, mas muito atual), a *omissão*. O seu mal foi o de *não fazer* o bem. Muitas vezes também nos parece não ter feito nada de mal e com isso nos contentamos, presumindo que somos bons e justos. Assim,

porém, corremos o risco de nos comportar como o servo mau: também ele não fez nada de mal, não estragou o talento, antes guardou-o bem na terra. Mas, não fazer nada de mal, não basta. Porque Deus não é um controlador à procura de bilhetes não timbrados; é um Pai à procura de filhos, a quem confiar os seus bens e os seus projetos (cf. 25,14). E é triste, quando o Pai do amor não recebe uma generosa resposta de amor dos filhos, que se limitam a respeitar as regras, a cumprir os mandamentos, como jornalheiros na casa do Pai (cf. Lc 15,17).

O servo mau, uma vez recebido o talento do Senhor que gosta de partilhar e multiplicar os dons, guardou-o zelosamente, contentou-se com salvaguardá-lo; ora não é fiel a Deus quem se preocupa apenas de conservar, de manter os tesouros do passado, mas, como diz a parábola, aquele que junta novos talentos é que é verdadeiramente «fiel» (25,21.23), porque tem a mesma mentalidade de Deus e não fica imóvel: arrisca por amor, joga a vida pelos outros, não aceita deixar tudo como está. Descuida só uma coisa: o próprio interesse. Esta é a única omissão justa.

E a omissão é também o grande pecado contra os pobres. Aqui assume um nome preciso: *indiferença*. Esta é dizer: «Não me diz respeito, não é problema meu, é culpa da sociedade». É passar ao largo quando o irmão está em necessidade, é mudar de canal, logo que um problema sério nos indis põe, é também indignar-se com o mal mas sem fazer nada. Deus, porém, não nos perguntará se sentimos justa indignação, mas se fizemos o bem.

Como podemos então, concretamente, agradecer a Deus? Quando se quer agradecer a uma pessoa querida, por exemplo dando-lhe uma prenda, é preciso primeiro conhecer os seus gostos, para evitar que a prenda seja mais do agrado de quem a dá do que da pessoa que a recebe. Quando queremos oferecer algo ao Senhor, os seus gostos encontramos-los no Evangelho. Logo a seguir ao texto que ouvimos hoje, Ele diz: «Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a Mim mesmo o fizestes» (Mt 25,40). Estes irmãos mais pequeninos, seus prediletos, são o faminto e o doente, o forasteiro e o recluso, o pobre e o abandonado, o doente sem ajuda e o necessitado descartado. Nos seus rostos, podemos imaginar impresso o

rosto d'Ele; nos seus lábios, mesmo se fechados pela dor, as palavras d'Ele: «Isto é o meu corpo» (Mt 26,26). No pobre, Jesus bate à porta do nosso coração e, sedento, pede-nos amor. Quando vencemos a indiferença e, em nome de Jesus, nos gastamos pelos seus irmãos mais pequeninos, somos seus amigos bons e fiéis, com quem Ele gosta de Se demorar. Deus tem em grande apreço, Ele aprecia o comportamento que ouvimos na primeira Leitura: o da «mulher forte» que «estende os braços ao infeliz, e abre a mão ao indigente» (Pr 31,10.20). Esta é a verdadeira fortaleza: não punhos cerrados e braços cruzados, mas mãos operosas e estendidas aos pobres, à carne ferida do Senhor.

Lá, nos pobres, manifesta-se a presença de Jesus, que, sendo rico, Se fez pobre (cf. 2Cor 8,9). Por isso neles, na sua fragilidade, há uma «força salvífica». E, se aos olhos do mundo têm pouco valor, são eles que nos abrem o caminho para o Céu, são o nosso «passaporte para o paraíso». Para nós, é um *dever evangélico* cuidar deles, que são a nossa verdadeira riqueza; e fazê-lo não só dando pão, mas também repartindo com eles o pão da Palavra, do qual são os destinatários mais naturais. Amar o pobre significa lutar contra todas as pobrezaas, espirituais e materiais.

E isto far-nos-á bem: abeirar-nos de quem é mais pobre do que nós, tocará a nossa vida. Lembrar-nos-á aquilo que conta verdadeiramente: amar a Deus e ao próximo. Só isto dura para sempre, tudo o resto passa; por isso, o que investimos em amor permanece, o resto desaparece. Hoje podemos perguntar-nos: «Para mim, o que conta na vida? Onde invisto?» Na riqueza que passa, da qual o mundo nunca se sacia, ou na riqueza de Deus, que dá a vida eterna? Diante de nós, está esta escolha: viver para ter na terra ou dar para ganhar o Céu. Com efeito, para o Céu, não vale o que se *tem*, mas o que se *dá*, e «quem amontoa para si não é rico em relação a Deus» (cf. Lc 12,21). Então não busquemos o supérfluo para nós, mas o bem para os outros, e nada de precioso nos faltará. O Senhor, que tem compaixão das nossas pobrezaas e nos reveste dos seus talentos, nos conceda a sabedoria de procurar o que conta e a coragem de amar, não com palavras, mas com obras.

DISTRIBUÍAM OS BENS POR TODOS, CONFORME AS NECESSIDADES DE CADA UM

Os pobres não são bem-aventurados por ser pobres, mas tornam-se bem-aventurados quando não desvanecem na confiança que têm no Senhor. Não há nenhum passo do Antigo nem do Novo Testamento que exalte a pobreza como virtude. É mais propriamente uma expressão da indignância e de marginalização, que se transforma, no entanto, em valor, quando a pobreza encontra motivo na confiança, no seguimento e na partilha. O pobre é bem-aventurado, antes de mais, quando está convencido que o Senhor escuta o seu clamor a pedir ajuda (cf. Sl 33,7). É então que o Senhor se mostra próximo de quem tem o coração partido, liberta o pobre das suas angústias e nada falta àqueles que o temem, como continua o salmo que acabámos de citar. A pobreza só se transforma em contestação para quem se entrega à riqueza, como se Deus não existisse, quando se deixa invadir pela confiança. Então, o impacto do Salmo reverbera até ao *Magnificat* de Maria, porque Deus é capaz de encher de bens os famintos e despedir os ricos de mãos vazias (cf. Lc 1,53).

À confiança que o pobre coloca no Senhor, Jesus de Nazaré soma a pobreza como seguimento. Desde o início da sua vida pública, não fez uma simples opção “preferencial” pelos pobres, mas evangelizou os pobres (cf. Lc 4,18) e propôs a pobreza como condição para o seguimento. É eloquente o diálogo com o jovem rico (cf. Mt 19,16-22): Jesus coloca-o diante da bifurcação, entre os seus bens e o discipulado. Não é que o seu Evangelho do reino se dirigisse somente aos pobres, mas Jesus sabia bem que, escolhendo os últimos, o seguimento se tornaria possível também para os ricos, ao passo que o contrário quase nunca poderia acontecer. Motivados pelo seguimento, os pobres não só são destinatários do Evangelho, mas tornam-se, eles mesmos, testemunhas do Evangelho. Os pobres, de evangelizados tornam-se evangelizadores, quando escolhem a porta estreita do seguimento e não a larga da riqueza. E é à luz desta relação entre

seguimento e pobreza que os pobres são bem-aventurados: deles é o reino dos céus (cf. Lc 5,20). A bem-aventurança dos pobres não se projeta para o futuro, mas realiza-se no presente de quem escolhe o caminho do discipulado.

À luz destas linhas de ação, as primeiras comunidades cristãs dividiam entre si os bens e ninguém se encontrava em necessidade, como lembra um dos sumários, relatados por Lucas nos Atos dos Apóstolos. A partilha dos bens como condição de pobreza assume as instâncias do pobre que confia no Senhor e está disposto a seguir Jesus para caracterizar a vida eclesial. São duas as vezes em que o autor dos Atos menciona a partilha dos bens nos chamados “sumários”, dedicados à vida das primeiras comunidades cristãs. No primeiro sumário, a atenção centra-se na vida comum (cf. At 2,42-47); no segundo, acrescenta a unidade de quem tem um só coração e uma só alma (cf. At 4,32-35). Numa primeira leitura, os dois quadros de conjunto que estamos a citar criam uma espécie de saudade da época de ouro da Igreja das origens, em detrimento da contemporânea. Na realidade, estes mesmos sumários são logo desmentidos por uma situação em que nem todos colocavam em comum todos os bens, como demonstram as opções de Ananias e Safira, que ficaram com parte dos bens para si mesmos (cf. At 5,1-11). Desta forma, o autor dos Atos apresenta dois quadros de conjunto que refletem, ao mesmo tempo, a realidade presente e apontam para a vida ideal da Igreja, como que a dizer que a partilha dos bens e a superação da pobreza (e de toda e qualquer pobreza) são valores inalienáveis e permanentes para a Igreja de cada tempo. Deste modo, Lucas entrega também às nossas comunidades algumas instâncias de atualidade perene, entre as quais a fração do pão, a liberdade e o crescimento.

Não é por acaso que o primeiro sumário começa com a assiduidade ao ensino dos apóstolos, a comunhão, a fração do pão e a oração (At 2,42). Só num segundo momento, é que se recorda a partilha dos bens e a superação da indigência entre os crentes. A primeira partilha é da oração e da Eucaristia que criam um impulso natural para a doação dos próprios bens. Sem a oração e a Eucaristia, qualquer forma de partilha dos bens é incapaz de durar muito tempo. Mas quando é sustentada pela oração e pela Eucaristia, a própria partilha dos bens transforma-se em culto agradável ao

Senhor. É expressivo o termo que une a Eucaristia e a partilha dos bens: *koinonia* (comunhão) é expressão de tudo o que é *koinos* ou em comum; e *koinos* é o impuro. Vendo bem, toda a verdadeira comunhão é contaminação, no sentido mais elevado do termo. Ficamos contaminados pelas feridas e pobreza dos outros quando a comunhão eucarística se transforma em partilha dos bens. É por esta razão que, quanto mais perseverantes se for na oração, mais se será constantes na caridade. Este é um dos principais vetores que atravessa o Evangelho de Lucas e os Atos dos Apóstolos.

Os dois quadros de conjunto sobre a vida da Igreja foram muitas vezes mal-entendidos, sobretudo quando em nome da partilha dos bens se seguiu o caminho da obrigatoriedade e da igualdade. Na realidade, ninguém de entre os que partilhavam os bens era obrigado a fazê-lo, nem tinha a ilusão de que, desse modo, todos os crentes chegassem a ter o mesmo nível económico e social. O caso antes mencionado, de Ananias e Safira, demonstra que é a liberdade a condição necessária para a comunhão dos bens, e não o constrangimento. Onde, por causa da partilha económica, se suprime a liberdade do outro, atinge-se a máxima injustiça, uma vez que é a liberdade como serviço o que garante a partilha mais sincera. Expressão da liberdade na partilha em favor dos pobres é a satisfação ou a alegria de quem, sustentado pela fração do pão, reconhece o corpo eucarístico no corpo de Cristo que os crentes formam. No seu díptico do terceiro Evangelho e dos Atos, Lucas volta muitas vezes ao binómio da partilha e da alegria, uma vez que é por esta última que se mede a sinceridade da primeira e não o contrário. Zaqueu só é capaz de dar metade das suas posses aos pobres, somente depois de, cheio de alegria, acolher Jesus na própria casa (cf. Lc 19,6-8).

A terceira instância sobre a vida das primeiras comunidades é o seu crescimento: Lucas precisa que o Senhor aumentava, todos os dias, o número dos que eram salvos (At 2,47). A Igreja, que partilha os bens e se encarrega das urgências dos pobres, não se encontra fora da cidade, nem é uma seita relegada às margens da sociedade, mas vive e cresce na cidade. Não é difícil encontrar partilha de bens entre movimentos e seitas separadas dos seus contextos sociais, já que a partilha dos bens que se realiza na

cidade ou no seu tecido social constitui um constante desafio. É a mensagem que Lucas lança à Igreja de cada tempo. Deste modo, o conhecido aforismo proverbial segundo o qual “os amigos põem tudo em comum” realiza-se quando, entre os crentes, se põe tudo em comum. O favor do povo em relação às primeiras comunidades é expressão de uma credibilidade conquistada no terreno: de uma Igreja que partilha os bens e se encarrega das necessidades dos pobres e não de uma Igreja reclinada sobre si mesma que, ao implodir, empobrece em vez de crescer.

O duplo aspeto dos sumários que realçámos – da situação real e da instância ideal sobre a Igreja – encontra a sua expressão mais concreta na coleta para os pobres da Igreja de Jerusalém e entre cada uma das Igrejas: uma iniciativa que acompanha a vida da Igreja desde as origens e que foi causada pela emergência de uma grande carestia que tinha assolado o império.

Assim nasce, de modo espontâneo, a recolha em dinheiro entre as Igrejas, que apresenta as linhas dos sumários que comentámos. Esta recolha é expressão de comunhão entre as Igrejas, em que sobressai a generosidade das Igrejas mais pobres em relação às mais abastadas. Mesmo a coleta não é ditada por qualquer tipo de obrigatoriedade e não se fixa nenhuma quota, mas é expressão da liberdade de cada um. E atesta o crescimento da Igreja na cidade, onde as primeiras comunidades cristãs se desenvolvem como uma mancha de óleo.

Modelo inatingível da coleta para os pobres é Nosso Senhor Jesus Cristo com a sua graça: de rico que era, fez-se pobre para nos enriquecer com a sua pobreza (cf. 2Cor 8,9). O modelo de Cristo permanece um modelo inatingível, já que nunca se viu ninguém que se tenha privado das suas riquezas para enriquecer os outros. Geralmente, quem esbanja os seus bens não enriquece ninguém com a sua pobreza. Contudo e justamente por ser inimitável, a rica pobreza de Cristo enxerta uma exemplaridade em contínua realização e nunca adquirida por ninguém. Se durante a sua vida pública Jesus evangelizou os pobres e a pobreza é condição para o seguimento, no tempo da Igreja a partilha dos bens é necessária para que seja superada toda e qualquer forma de pobreza.

O SENHOR ESCUTA O CLAMOR DO POBRE

Como a generosidade de Deus pode inspirar-nos

Nas periferias de Manila, Nairobi e Lima (como de muitas megalópolis de países desenvolvidos), encontramos a pobreza na sua forma extrema. Essa pobreza ameaça a saúde e a vida, colocando em risco a dignidade da humanidade. Podemos encontrar a pobreza extrema entre os que fogem dos conflitos violentos e os que sofrem as consequências das alterações climáticas. Milhões de nossos irmãos e irmãs vivem em condições dificilmente sustentáveis. Há crianças que morrem sem ter sequer a oportunidade de enfrentar os desafios da vida e de poder esforçar-se para ter um futuro melhor. A maioria destes sofrimentos não se deve à falta de recursos, mas à violência dos conflitos e à ausência de boa vontade política para conceder a todos o mínimo acesso aos tesouros da terra. Os que entre nós vivem uma vida melhor tendem a evitar, ou mesmo a reprimir esta realidade.

A sensibilidade de Deus, pelo contrário, é antes de mais e sobretudo dirigida aos que sofrem. «Este pobre clama e o Senhor o escuta» (Sl 34,7). Palavras de consolação como estas podem ser mal-entendidas como uma espécie de “ópio dos povos”, confinando o tema da pobreza no âmbito da espiritualidade e minimizando o nosso sentido de responsabilidade social. Contudo, a sensibilidade de Deus diante do grito do pobre pretende justamente o contrário: a sensibilidade de Deus encoraja a imitar Deus, tornando-nos sensíveis à questão da pobreza. A ideia da “imitação de Deus” é expressa muito concretamente no Livro do Deuterónimo. Deus «faz justiça ao órfão e à viúva e ama o estrangeiro, a quem dá pão e vestuário. Amai, portanto, o estrangeiro, porque vós também fostes estrangeiros na terra do Egípto» (Dt 10,18-19). De facto, Deus cuida dos necessitados e os seus fiéis são chamados a colaborar com ele. Os estrangeiros, ou seja, refugiados e vítimas das migrações forçadas, vão estando sujeitos à dureza

humana, para além dos embaraços económicos até aos nossos dias. É por esta razão que eles gozam de uma atenção especial na ética divina do Sinai: «Amá-lo-ás como a ti mesmo, porque fostes estrangeiros na terra do Egito» (Lv 19,34).

A atenção à pobreza do género humano começa pela experiência pessoal concreta. O abismo do sofrimento causado pela pobreza pode ser experimentado quando visitamos as periferias, onde as pessoas vivem entre os montes de lixo produzido pelos outros. A percepção de Deus sobre o sofrimento, tão enfatizada no Livro do Êxodo, é a razão do seu plano de resgate: «Eu vi a situação miserável do meu povo no Egito; escutei o seu clamor provocado pelos opressores. Conheço, pois, as suas angústias. Desci para o libertar das mãos dos egípcios e o levar deste país para uma terra boa e espaçosa, onde corre leite e mel» (Ex 3,7-8). Se bem que o caminho para uma vida melhor possa ser longo – o povo de Deus caminhou pelo deserto durante quarenta anos! –, tal caminho começa com a visão e a esperança da libertação.

A questão da pobreza exige, hoje mais do que nunca, atenção e reflexão a nível global. A generosidade universal de Deus é vista nos relatos bíblicos da criação. O mundo com todas as suas riquezas é «uma coisa muito bela». Aos olhos de Deus (Gn 1,31). O Senhor confia o mundo à humanidade: «Deste-lhe poder sobre a obra das tuas mãos, tudo submeteste a seus pés: ovelhas e bois, todos os rebanhos, e até os animais selvagens, as aves do céu e os peixes do mar, tudo o que se move nos oceanos» (Sl 8,7-9). Se estas palavras podem ter soado utópicas nos tempos antigos, quando era costume que a humanidade temesse os animais selvagens e os monstros marinhos, hoje podem soar aos nossos ouvidos como uma profecia concreta e perturbante. A humanidade desenvolveu métodos terríficos de domínio da natureza. Contudo, hoje somos chamados, não a submetê-la, mas a cuidar dela. Deus criou Adão e colocou-o no belo jardim do Éden «para o cultivar e guardar» (Gn 2,15). Somos chamados a apoiar as iniciativas atuais que promovem o uso responsável dos recursos naturais, a sustentabilidade e a cooperação global. Guardando o nosso planeta, imitamos o próprio Deus que plantou os cedros do Líbano (cf. Sl 104,16) e

dá de comer aos leõezinhos que «rugem em busca da presa, pedindo a Deus o seu alimento» (Sl 104,21).

A generosidade de Deus na criação oferece os recursos para eliminar a pobreza desumanizadora. O Senhor chama toda a humanidade a aprender com a beleza da sua criação e a imitar a abundante generosidade que nela vemos. «Todos têm os olhos postos em ti e a seu tempo lhes dás o alimento. Abres as tuas mãos e todos sacias generosamente» (Sl 145,15-16). Tal como as mãos de Deus estão continuamente abertas, também nós somos encorajados a fazer o mesmo: «Abre generosamente a mão ao teu irmão, ao pobre e ao necessitado que estiver na tua terra» (Dt 15,11).

A generosidade de Deus chega a picos extremos quando ele desce até à pobreza humana na manjedoura de Belém (cf. Lc 2). Na sua vida e missão, Jesus inclui a cura dos doentes e a integração dos excluídos da sociedade. Os médicos e os agentes sociais têm a honra de seguir Jesus nesta missão. Não a riqueza, mas a generosidade: é o que Jesus aprecia quando elogia a oferta da pobre viúva (cf. Mc 12,41-44). Jesus identifica-se também com os mais necessitados. O critério último da nossa relação com Jesus é este: «Tudo o que fizestes a um dos meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes» (Mt 25,40).

Paulo acusa os Coríntios de falta de sensibilidade para com os que dentro da comunidade são economicamente mais desfavorecidos (cf. 1Cor 11,21ss.). Lucas, por sua vez, relata-nos a atitude radical de generosidade e partilha que existia entre os primeiros cristãos inspirados pelo Espírito Santo: «Vendiam propriedades e bens e distribuíam o dinheiro por todos, conforme as necessidades de cada um» (At 2,45). Esta generosidade não é um ato exterior, mas uma expressão da própria fé. Nasce da consciência que a vida encontra realização na colaboração para construir juntos o Reino de Deus. «Não escolheu Deus os pobres deste mundo para serem ricos na fé e herdeiros do reino que Ele prometeu àqueles que o amam?» (Tg 2,5). João encoraja-nos a amar «com obras e em verdade» (1Jo 3,18). As “obras” pressupõem ouvidos abertos ao clamor de quem sofre e ao chamamento divino a colaborar com o projeto divino de libertação. Amar em “verdade”

pode ser realizado hoje, procurando de que modo podemos contribuir para o bem comum da humanidade.

A palavra de Deus incute um espírito de otimismo, de compromisso ativo e de cooperação. Todos os crentes em Deus criador são chamados a considerar a humanidade como uma única comunidade. Todos os dons humanos – intelectuais, sociais e espirituais – são necessários na colaboração a favor de um mundo que seja uma “coisa muito boa” aos olhos de Deus.

Sugestões para leitura espiritual e meditação:

Dt 10,16-19; Sl 104; At 2,41-47.

ESTE POBRE CLAMA E O SENHOR O ESCUTA

O clamor dos pobres como apelo a Deus

O salmo fala de “este pobre”, ou seja, não dos pobres em geral, mas de um pobre bem determinado. Isto lembra um passo do Deuteronomio que diz algo como: «Cuidarás do teu pobre» (cf. Dt 15,11). O pobre na Bíblia é sempre uma pessoa concreta ou pelo menos uma pessoa; nunca é uma categoria deixada no horizonte. *Com efeito, nunca faltarão pobres na terra; por isso, eu te ordeno: Abre generosamente a mão ao teu irmão, ao pobre e ao necessitado que estiver na tua terra* (Dt 15,11).

Mas o texto original diz: «Abre a mão ao teu irmão, ao teu pobre e ao teu humilhado». É naquela partícula, naquele adjetivo possessivo “teu” que devemos concentrar a nossa atenção: a tua mão, o teu irmão, mas sobretudo o teu pobre e o teu humilhado. Deus não fala no plural, não diz “os nossos ou os vossos irmãos, os nossos ou os vossos pobres”, mas parece querer que cada um cuide de um pobre, de um necessitado, que estabeleça com ele uma relação pessoal. Mais, ele deseja que descubramos em nós mesmos o outro que precisa de ajuda.

O outro diz-nos respeito porque está em nós. Cada pessoa não é uma entidade isolada: a sua história participa nas outras histórias, entrelaça-se com outras vidas formando uma teia indestrinçável. E é este o fundamento do nosso cuidar uns dos outros. O mesmo princípio atinge o seu clímax no Evangelho segundo Mateus, capítulo 25: «Tudo o que fizestes a um dos meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes». Mas quem são os pequeninos? Jesus não oferece uma definição, até porque, se a desse, nós acabaríamos por fazer bem só a essa categoria, esquecendo-nos ou causando danos às outras. Cada um tem os seus “mais pequeninos” que são os que lhe parecem antipáticos, aqueles que até ajuda, mas com maior dificuldade. O homem que, na estrada de Jerusalém para Jericó, caiu nas mãos dos salteadores era um judeu, e o único que o ajudou era um samaritano que teoricamente seria quase um inimigo. Mas o samaritano

teve compaixão e ajudou o judeu gravemente ferido. A caridade, a solidariedade supera as costumeiras barreiras entre as pessoas, como a pertença étnica ou religiosa.

É um facto conhecido que Jesus na parábola do bom samaritano (cf. Lc 10,25-37) modifica o discurso. Perguntam-lhe, de facto: «Quem é o meu próximo?», na perspectiva de quem pode oferecer ajuda. Mas Jesus faz uma inversão de perspectiva e parece que está a convidar quem o escuta a colocar-se no lugar da vítima. Como será possível, de facto, ter misericórdia se não se sente empatia diante de quem sofre? Como será possível cuidar do outro se nos contrapomos ao outro? A relação de proximidade pressupõe um descobrir-se como próximos e irmãos, mesmo na diferença.

Ao propor uma definição tão ampla dos pobres e dos pequeninos, não quero dizer que a pobreza em sentido próprio, a pobreza material, não é grave. Na realidade a definição ampla serve justamente para levar a compreender que nós somos uma só coisa com os pobres materiais, do ponto de vista habitual. Nós sentimo-nos bem distintos da maior parte dos pobres. Já Jesus Cristo, que de acordo com a nossa fé é o Filho de Deus, identifica-se totalmente com os pobres e os últimos, os estrangeiros, os presos, etc. Por causa desta nossa dificuldade em identificar-nos com os pobres, é útil considerar a pobreza em sentido lato, vendo em que aspetos podemos reconhecer-nos como pobres. Eu, por exemplo, economicamente sou suficientemente rico, mas sendo eu um portador de deficiência, vivo numa condição de pobreza física, uma vez que dependo totalmente dos outros em todos os aspetos da minha vida. Tudo o que faço tenho de o fazer com a ajuda de outra pessoa, numa espécie de comunhão. Há tantos tipos de pobreza. Alguém poderá descobrir que é espiritualmente ou afetivamente pobre. A coisa importante é recusar-se a ser pobres sozinhos. É sempre necessário relacionar-se com os outros e com o Outro. É preciso aprender a pedir – melhor ainda se com gentileza! – e a receber, mais do que aprender a dar. É preciso colocar em comunhão tanto a riqueza como a pobreza de cada um, e não ficar com elas para si. Esta é a tentação mais comum, mas é preciso vencê-la.

A relação com os pobres deveria ser pessoal, ou seja, de pessoa a pessoa, sem nos colocar num pedestal em relação ao outro, mas nem sequer num grau inferior. É preciso descobrir a pobreza na história da vida de cada um, para poder sentir e compreender a pobreza do outro.

A ESCUTA POR PARTE DE DEUS É MISERICÓRDIA E QUEM ESCUTA A DEUS REALIZA OBRAS DE MISERICÓRDIA

“O pobre clama” quer dizer que não faz um discurso articulado. A nossa miséria é tão profunda que não se sabe explicar. Assim relata Marcos (15,33-37): *Quando chegou o meio-dia, as trevas envolveram toda a terra até às três horas da tarde. E às três horas da tarde, Jesus clamou com voz forte: «Eloí, Eloí, lemá sabactáni?». que quer dizer: «Meu Deus, meu Deus, porque Me abandonastes?». Alguns dos presentes, ouvindo isto, disseram: «Está a chamar por Elias». Alguém correu a embeber uma esponja em vinagre e, pondo-a na ponta duma cana, deu-Lhe a beber e disse: «Esperemos, a ver se Elias vem tirá-lo dali». Então Jesus, soltando um grande brado, expirou.*

O Salmo 34 não nos diz qual o conteúdo do clamor do pobre. Poderia ser um grito de dor, de irritação, sem palavras. Quase uma blasfémia. E é justamente este clamor que Deus escuta. Como escutou Job. No antiquíssimo livro sapiencial, os amigos de Job quase o acusam de blasfémia, porque Job ousa perguntar a Deus por que o deixa sofrer, em vez de se resignar e aceitar passivamente. O Salmo 34 diz, no entanto: «O Senhor o escuta».

A escuta por parte do Senhor não é um simples ato de ouvir. Quando Deus escuta, “inclina o ouvido”, e depois do ouvido estende também a mão.

Eis o que nos recorda o Livro do Êxodo (3,7-10): *O Senhor disse: «Eu vi a situação miserável do meu povo no Egito; escutei o seu clamor provocado pelos opressores. Conheço, pois, as suas angústias. Desci para o libertar das mãos dos egípcios e o levar deste país para uma terra boa e espaçosa, onde corre leite e mel, terra do cananeu, do hitita, do amorreu, do perizeu, do heveu e do jebuseu. E agora, eis que o clamor dos filhos de Israel chegou até mim, e vi também a tirania que os egípcios exercem sobre eles. E agora, vai! Eu te mando ao faraó, e faz sair do Egito o meu povo, os filhos de Israel.»*

Seja como for, a escuta por parte de Deus transforma-se logo numa sua intervenção. Quando Deus escuta, *desce*. E envolve o ser humano: “Vai! Eu te mando”. Por esta razão, o clamor dos pobres torna-se um apelo a Deus. Por exemplo, no Êxodo Deus chama Moisés a colaborar consigo na libertação do povo. Apesar de todas as dificuldades que Moisés alega, no final vai e cumpre a sua missão com a ajuda de Aarão que o ajuda a superar o seu défice “de boca e de língua”. Moisés deveria falar com o faraó, mas tinha dificuldades em falar. Quem escolheria um porta-voz desajeitado de boca e língua, senão Deus? Deus que disse a Paulo: «Basta-te a minha graça, porque é na fraqueza que se manifesta todo o meu poder» (2Cor 12,9).

Não se trata, portanto, de uma ação de poder ou eficiente, como esperaríamos ao seguir a nossa lógica humana. A descida de Deus é um abaixamento, é o serviço humilde ao pobre: «Na verdade, o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida pela redenção de muitos» (Mc 10,45).

E em Jo 13,11-15, diz-se: «Depois de lhes lavar os pés, Jesus tomou o manto e sentou-se de novo à mesa. Então disse-lhes: “Compreendeis o que vos fiz? Vós chamais-me Mestre e Senhor, e dizeis bem, porque o sou. Se eu, que sou Mestre e Senhor, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros. Dei-vos o exemplo, para que, assim como eu fiz, vós façais também”». «Dei-vos o exemplo»: em grego é *hypódeigma*, que vem do verbo *hypodéigmai*, cujo primeiro significado é “mostrar secretamente”. Ainda que não esteja totalmente seguro desta interpretação, é sugestivo pensar que o Jesus que se faz servo diga aos seus discípulos: «Mostrei-vos o meu segredo, fiz-vos participar nos meus sentimentos mais profundos». O sentimento mais profundo de Cristo é o amor. Fazendo-se homem, o Filho, na unanimidade com o Pai, escolheu justamente esta via da humildade e da pobreza, da precariedade e da dependência; e é justamente por esta razão que demonstra que é Deus: justamente por ter tido a força de escolher a fraqueza até à morte na cruz. O clamor do pobre é desarticulado, mas Deus escuta-o, *com-padece-se* dele e transforma-o num apelo à ação dos seus filhos. A escuta por parte de Deus é misericórdia, e quem escuta Deus realiza obras de misericórdia.

BETÂNIA, A CASA DO POBRE

Seis dias antes da Páscoa, Jesus foi a Betânia, onde vivia Lázaro, que ele tinha ressuscitado dos mortos. Ofereceram-lhe lá um jantar: Marta andava a servir e Lázaro era um dos que estavam à mesa com Jesus. Então Maria tomou uma libra de perfume de nardo puro, de alto preço, ungiu os pés de Jesus e enxugou-lhos com os cabelos; e a casa encheu-se com o perfume do bálsamo. Disse então Judas Iscariotes, um dos discípulos, aquele que havia de entregar Jesus: «Porque não se vendeu este perfume por trezentos denários, para dar aos pobres?» Disse isto, não porque se importava com os pobres, mas porque era ladrão e, tendo a bolsa comum, tirava o que nela se lançava. Jesus respondeu-lhe: «Deixa-a em paz: ela tinha guardado o perfume para o dia da minha sepultura. Pobres, sempre os tereis convosco; mas a mim, nem sempre me tereis». Soube então grande número de judeus que Jesus se encontrava ali e vieram, não só por causa de Jesus, mas também para verem Lázaro, que Ele tinha ressuscitado dos mortos. Entretanto, os príncipes dos sacerdotes resolveram matar também Lázaro, porque muitos judeus, por causa dele, se afastavam e acreditavam em Jesus.

(João 12,1-8)

Este relato, cheio de simbolismo, situa-se num “lugar” estratégico no interior do Evangelho de João. Depois da ressurreição de Lázaro, ganha cada vez mais força entre as autoridades religiosas a decisão de matar Jesus (cf. Jo 11,49-53). Aqui, tudo o que está para acontecer comporta uma questão de vida e morte.

O relato situa-se, do ponto de vista *temporal*, na Páscoa, a de Jesus, em que se dá a vitória da Vida sobre a morte e, do ponto de vista *espacial*, em Betânia, nome que verosimilmente deriva de *bêt ‘anî*, “a casa do pobre”. É também a casa da vida em que a morte é derrotada, ideia esta sugerida pela menção de Lázaro como aquele que tinha sido “ressuscitado dos mortos”. Pela apresentação, o leitor compreende que se falará dos pobres, de vida e de morte...

A ceia que é preparada para Jesus é uma antecipação da outra ceia, única, de que falará o Evangelho de João, a última ceia (cf. Jo 13,2), e de certa forma – juntamente com esta – é também antecipação do banquete escatológico, no final dos tempos. Quem são os que a preparam? Não está explicitado no texto, talvez para convidar a reconhecer que pode ser qualquer comunidade cristã. A comunidade de Betânia, comunidade dos pobres, pode servir de paradigma para as nossas comunidades atuais. Todos, sem distinção, somos representados pelos personagens do relato.

Como Marta, queremos colocar-nos ao serviço dos outros (*diakonia*). Todos, como Lázaro, somos ressuscitados por Jesus, salvos das nossas mortes mediante a sua força de ressurreição. Há também, em cada um de nós, atitudes egoístas e mesquinhas, como as que, no relato, são atribuídas a Judas.

Na cena, a verdadeira ação começa quando Maria realiza a unção, um gesto que se torna modelo para viver as nossas relações no interior da comunidade. O nardo puro e precioso evoca no leitor a amada do Cântico dos Cânticos (cf. Ct 1,12). É um gesto de amor, um amor puro e de grande valor, porque brota do seu coração e incide sobre o Hóspede. Representa a entrega amorosa e gratuita de todo o nosso ser a quem vive numa situação de fragilidade, a quem sofre uma “ausência”, a alguém cuja vida está ameaçada de morte. Maria deixa-se envolver totalmente, de corpo e alma, neste gesto, e os cabelos – usados pela amada do Cântico dos Cânticos para cativar o rei (cf. Ct 7,6) – estão impregnados de perfume (cf. Ct 1,3), que é a resposta do amor, agradecido, da parte de quem se sentiu amado. É um amor que enche toda a “casa”, toda a comunidade, porque todos somos convidados a entrar na dinâmica do amor gratuito, dado e recebido.

Um gesto de amor deste género suscita uma reação que também fala de nós: Judas é apresentado como «um dos seus discípulos». Os discípulos são capazes de amar sem medida, como Maria, mas também de entregar à morte, como o Iscariotes. A referência ao papel de traidor introduz a pergunta sobre o valor monetário do perfume. Trezentos denários equivaliam a quase um ano de trabalho: uma verdadeira fortuna para um pobre! Este cálculo faz lembrar as habituais críticas que a classe média faz aos pobres, quando se decide gastar algum dinheiro para uma festa: aquele

dinheiro podia ser usado “melhor”, por exemplo para arranjar a casa. Parece que se pretende conhecer quase melhor que os próprios pobres quais são as suas reais necessidades. Os pobres, porém, como Maria, sabem bem que só pode haver festa onde houver um excesso de gratuidade, onde não se deixa nada de parte com mesquinhez e se oferece o melhor daquilo que se tem. Quando o lucro assume o lugar do dom, entra-se numa dinâmica de morte, capaz de sacrificar o outro em razão de uma análise de custo-benefício.

O comentário de quem narra coloca em evidência as intenções de Judas. Trata-se de uma constante: quando se fala muito dos pobres como categoria externa, é porque não há verdadeiramente nenhuma preocupação com eles. São usados: para lhes dar esmola, para sossegar a consciência, para se sentir bem a ajudá-los, ou – pior ainda – para ficar com aquilo que seria a eles destinado. Aquilo que verdadeiramente mata a fome dos necessitados é a partilha, como tinha acontecido na multiplicação dos pães (cf. Jo 6,9-11). Quando se dá, acontece a multiplicação; mas quando se acumula, acontece o “capitalismo”, que acaba por enriquecer apenas um, deixando muita gente na fome.

A resposta de Jesus tem lugar em dois momentos. Por um lado, relaciona a unção com a sua sepultura: volta a aparecer o tema da morte, não já a de Lázaro, mas a de Jesus. Mas os leitores, que “veem” Lázaro vivo ali, ressuscitado por Jesus, sabem que a sepultura de Jesus não pode significar uma morte definitiva, porque ele mesmo é «a ressurreição e a vida» (11,25). O gesto de Maria não é, portanto, a unção de uma pessoa morta, mas a celebração da Vida. O amor que na comunidade se oferece a quem passa necessidade é sempre sinal de uma Vida que vence a morte. A entrega de si mesmo salva da morte tanto a pessoa que se entrega como a que recebe esse amor.

No segundo momento da resposta, Jesus afirma que sempre teremos os pobres connosco. Esta afirmação, longe de apresentar uma realidade de injustiça que nunca poderemos mudar, pretende mostrar a composição concreta de cada comunidade cristã. A frase parece que se inspira em Dt 15,11: «Com efeito, nunca faltarão pobres na terra». Era por esta razão que

se prescrevia ao israelita que fosse solidário com o “irmão pobre e necessitado”. Para Jesus, não só haverá sempre pobres na terra – na pátria –, mas eles estão sempre “com” comunidade, no meio dela. Para a comunidade cristã, simbolizada neste grupo de Betânia – nome sobretudo simbólico –, os pobres não estão “fora”, como se se tratasse de uma realidade à qual se devesse acudir com esmolas, mas são parte integrante da comunidade, uma parte tão importante a ponto de o próprio Jesus se ter identificado com eles. Virá o tempo em que já não terão Jesus com eles do mesmo modo, porque ele vai «para o Pai» (Jo 16,28), mas continuarão a tê-lo na pessoa do pobre, que será sempre o seu *vigário* (cf. Mt 25,40).

Pode deduzir-se, portanto, que a frase de Jesus se torna um critério de discernimento para a Igreja. A nossa comunidade será cristã, como a comunidade de Betânia, se contar entre os seus membros pessoas pobres. Betânia é a Igreja onde os pobres são protagonistas e construtores do Reino. Na pessoa de Judas, como dissemos antes, volta a tentação de muitas das nossas comunidades, de considerar o pobre como objeto da nossa beneficência e, portanto, de ser considerado fora da comunidade.

Maria assume no seu gesto a consistência de uma dupla vocação cristã. Por um lado, diante de Jesus, o pobre concreto, o irmão cuja vida está ameaçada, ela derrama o seu perfume. Não mede, não calcula, não põe condições... compromete o seu corpo, sabe envolver-se no encontro. Também hoje, através do serviço oferecido pela comunidade aos pés do pobre, toda a casa, todo o universo se enche com a fragrância do perfume: a ternura “tem um perfume de agradável odor”.

Por outro lado, Maria unge, consagra os pés de Jesus, para que possa continuar o seu percurso de solidariedade com os pobres até ao fim. Esta é também uma função da comunidade enquanto corpo: apoiar-nos e encorajar-nos reciprocamente no seguimento de Jesus, pobre e solidário.

VIGÍLIA DE ORAÇÃO

Textos bíblicos sugeridos:
Gn 4,1-16; Sl 34 (33); Mc 15; Ap 7,9-17

INTRODUÇÃO

Esta Vigília desenrola-se à volta da palavra “clamor”. São múltiplos os motivos, tanto interiores como exteriores, que provocam o clamor do oprimido.

Na primeira *statio*, o texto do livro do Génesis (4,1-16) pretende colher o clamor do sangue inocente, de todos os que injustamente sofrem perseguições e morte, que lentamente se apagam devido ao sofrimento de todos os dias.

O texto-guia do Salmo 34 (33), na segunda *statio*, evoca o clamor que chama à conversão. Não se limita a apresentar o *clamor do pobre*, mas apresenta também o Senhor que o escuta e salva. Deus que procura melhorar a condição humana, consolar todos os que vivem na pobreza espiritual e no desespero. A perturbação interior é superada na medida em que o oprimido é tocado pela mão do Senhor.

A terceira *statio* apresenta o clamor de Jesus na cruz (Mc 15,33-37), um grito de abandono total, de solidão e de incompreensão. A Mãe de Deus, que silenciosamente acompanha o clamor do seu Filho, é imagem de todos os que já não conseguem levantar a voz, que são demasiado fracos para emitir qualquer tipo de ruído para se defenderem.

A concluir, na quarta *statio*, o texto tirado do Livro do Apocalipse (7,9-17) orienta o coração para o horizonte da fé cristã que nunca nos confunde, porque se radica na palavra definitiva sobre a história do homem e do mundo: a vitória do Senhor Ressuscitado.

Para adaptar esta proposta de vigília às exigências particulares de uma comunidade específica (paróquia, capela de hospital, mosteiro, etc.), talvez se pudesse escolher cânticos para cada *statio*. Para aprofundar os temas decorrentes dos textos bíblicos, sugere-se que se prepare uma meditação ou então que se escolha alguns testemunhos, conforme as exigências e as possibilidades da comunidade que celebra a vigília. Antes da bênção final, talvez se pudesse inserir uma oração de intercessão, recitada pelo próprio sacerdote ou pelos fiéis, e dedicada às várias situações em que os pobres vivem.

A escolha dos textos bíblicos também poderá ser modificada, à discrição de quem organiza a vigília, para sublinhar outras dimensões do *clamor* do homem que chega ao trono do Altíssimo. A título de exemplo: Ex 2,23-25; 3,7-9 (o clamor que os Israelitas dirigem a Deus, para não caírem nas mãos dos inimigos); no livro de Job são frequentes as imagens do sofredor que clama ao Senhor (3,24; 16,18; 17,14); Is 40,1-5 (a pobreza espiritual, a frustração e a depressão, a inquietude interior); Jl 1,13-20; 2,12-13 (lamentação por uma catástrofe, penitência e resposta do Senhor).

A vigília poderá realizar-se com o Santíssimo Sacramento exposto.

Não cessa de comover-me o caso – referido pelo evangelista Marcos (cf. 10, 46-52) – de Bartimeu, na pessoa de quem vejo identificados tantos pobres. O cego Bartimeu era um mendigo, que «estava sentado à beira do caminho» (10, 46); tendo ouvido dizer que ia a passar Jesus, «começou a gritar» e a invocar o «Filho de David» para que tivesse piedade dele (cf. 10, 47).

(Papa Francisco)

INÍCIO DA VIGÍLIA

Quem preside, se está habilitado para isso, expõe o Santíssimo Sacramento conforme o costume da comunidade.

Segue-se um cântico e uma breve exortação introdutória.

1. O SANGUE DE ABEL QUE GRITA

*A opressão física e material, a injustiça,
o drama do oprimido, mas também do opressor.*

Escutai, irmãos e irmãs, a Palavra do Senhor do Livro do Génesis (4,1-16)

O homem conviveu com Eva, sua esposa, e ela deu à luz Caim. Então Eva disse: «Obtive um homem graças ao Senhor». Depois deu à luz Abel, o irmão. Abel era pastor e Caim cultivava a terra. Passado algum tempo, Caim ofereceu em sacrifício ao Senhor produtos da terra e Abel ofereceu as primícias e a gordura do seu rebanho. O Senhor olhou benignamente para Abel e para a sua oferenda, mas não quis olhar para Caim e para a sua oferenda. Caim ficou muito irritado e de rosto abatido. O Senhor disse a Caim: «Porque estás irritado e de rosto abatido? Se procederes bem, não poderás ainda levantar a cabeça? Mas se não procederes bem, o pecado está à tua porta. Ele desejará atingir-te, mas tu poderás dominá-lo». Disse Caim a seu irmão Abel: «Vamos ao campo». E quando estavam no campo, Caim lançou-se contra seu irmão Abel e matou-o.

O Senhor disse a Caim: «Onde está o teu irmão Abel?». Caim respondeu: «Não sei. Sou porventura eu o guarda do meu irmão?». O Senhor disse-lhe: «Que fizeste? A voz do sangue do teu irmão clama da terra por mim. Agora ficas maldito pela terra, que abriu a boca para receber das tuas mãos o sangue do teu irmão. Ainda que a cultives, não mais te dará a sua fertilidade. Andarás errante e fugitivo sobre a terra». Caim disse ao Senhor: «O meu castigo é tão grande que não poderei suportá-lo. Se hoje me desterrais daqui, terei de ocultar-me da vossa presença; andarei errante e fugitivo sobre a terra e o primeiro que me encontre me matará». O Senhor respondeu-lhe: «Quem matar Caim será vingado sete vezes». O Senhor

colocou um sinal sobre Caim, para que ele não fosse morto por quem o encontrasse. Adão conviveu ainda com a sua esposa e ela deu à luz um filho, a quem pôs o nome de Set, dizendo: «Deus concedeu-me outro descendente, em lugar de Abel, morto por Caim». Caim afastou-se da presença do Senhor e foi residir na região de Nod, a oriente do Éden.

Meditação e/ou testemunho
Cânticos

Oração em silêncio

2. ESTE POBRE CLAMA E O SENHOR O ESCUTA, SALVA-O DE TODOS AS SUAS ANGÚSTIAS

Escutai, irmãos e irmãs, a Palavra do Senhor do Livro dos Salmos **34 (33)**

A toda a hora bendirei o Senhor,
o seu louvor estará sempre na minha boca.

A minha alma gloria-se no Senhor:
ouçam e alegrem-se os humildes.

Enaltecei comigo ao Senhor
e exaltemos juntos o seu nome.

Procurei o Senhor e Ele atendeu-me,
libertou-me de toda a ansiedade.

Voltai-vos para Ele e ficareis radiantes,
o vosso rosto não se cobrirá de vergonha.

Este pobre clamou e o Senhor o ouviu,
salvou-o de todas as angústias.

O Anjo do Senhor protege os que O temem
e defende-os dos perigos.

Saboreai e vede como o Senhor é bom:
feliz o homem que n'Ele se refugia.

Temei o Senhor, vós os seus fiéis,
porque nada falta aos que O temem.

Os poderosos empobrecem e passam fome,
aos que procuram o Senhor não faltará riqueza alguma.

Vinde, filhos, escutai-me,
vou ensinar-vos o temor do Senhor.

Qual é o homem que ama a vida,
que deseja longos dias de felicidade?

Guarda do mal a tua língua
e da mentira os teus lábios.

Evita o mal e faz o bem,
procura a paz e segue os seus passos.

Os olhos do Senhor estão voltados para os justos
e os ouvidos atentos aos seus rogos.

A face do Senhor volta-se contra os que fazem o mal,
para apagar da terra a sua memória.

Os justos clamaram e o Senhor os ouviu,
livrou-os de todas as suas angústias.

O Senhor está perto dos que têm o coração atribulado
e salva os de ânimo abatido.

Muitas são as tribulações do justo,
mas de todas elas o livra o Senhor.

Guarda todos os seus ossos,
nem um só será quebrado.

A maldade leva o ímpio à morte,
os inimigos do justo serão castigados.

O Senhor defende a vida dos seus servos,
não serão castigados os que n'Ele se refugiam.

Meditação e/ou testemunho

Cânticos

Oração em silêncio

3. O CLAMOR DE JESUS NA CRUZ

O grito de abandono

Escutai, irmãos e irmãs, a Palavra do Senhor do Evangelho segundo São Marcos (15,33-37)

Quando chegou o meio-dia, as trevas envolveram toda a terra até às três horas da tarde. E às três horas da tarde, Jesus clamou com voz forte: «Eloí, Eloí, lemá sabactáni?». que quer dizer: «Meu Deus, meu Deus, porque Me abandonastes?». Alguns dos presentes, ouvindo isto, disseram: «Está a chamar por Elias». Alguém correu a embeber uma esponja em vinagre e, pondo-a na ponta duma cana, deu-Lhe a beber e disse: «Esperemos, a ver se Elias vem tirá-lo dali». Então Jesus, soltando um grande brado, expirou.

Meditação e/ou testemunho

Cânticos

Oração em silêncio

4. OS SANTOS NO CÉU

O grito da esperança

Escutai, irmãos e irmãs, a Palavra do Senhor do Livro do Apocalipse (7,9-17)

Eu, João, vi uma multidão imensa, que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas. Estavam de pé, diante do trono e na presença do Cordeiro, vestidos com túnicas brancas e de palmas na mão. E clamavam em alta voz: «A salvação ao nosso Deus, que está sentado no trono, e ao Cordeiro».

Todos os Anjos formavam círculo em volta do trono, dos Anciãos e dos quatro Seres Vivos. Prostraram-se diante do trono, de rosto por terra, e adoraram a Deus, dizendo: «Amen! A bênção e a glória, a sabedoria e a ação de graças, a honra, o poder e a força ao nosso Deus, pelos séculos dos séculos. Amen!». Um dos Anciãos tomou a palavra e disse-me: «Esses que estão vestidos de túnicas brancas, quem são e de onde vieram?». Eu respondi-lhe: «Meu Senhor, vós é que o sabeis». Ele disse-me: «São os que vieram da grande tribulação, os que lavaram as túnicas e as branquearam no sangue do Cordeiro». Por isso, estão diante do trono de Deus e servem-no, noite e dia, no seu santuário e Aquele que está sentado no trono abrigá-los-á na sua tenda.

Nunca mais terão fome nem sede, nem o sol ou o vento ardente cairão sobre eles. O Cordeiro, que está no meio do trono, será o seu pastor e os conduzirá às fontes da água viva. E Deus enxugará todas as lágrimas dos seus olhos»

Meditação e/ou testemunho

Cânticos

Oração em silêncio

EXORTAÇÃO CONCLUSIVA

Como exortação conclusiva sugere-se que se faça uma espécie de síntese da Vigília e se introduza a oração dominical:

Pai nosso, que estais nos céus,
santificado seja o vosso nome;
venha a nós o vosso reino;
seja feita a vossa vontade
assim na terra como no céu.

O pão nosso de cada dia nos dai hoje;
perdoai-nos as nossas ofensas,
assim como nós perdoamos
a quem nos tem ofendido;
e não nos deixeis cair em tentação;
mas livrai-nos do mal.

SALMO DO SERVIÇO

Jesus chama-nos a ser servos, como Ele é servo,
porque os homens aceitam a mensagem de Cristo,
não tanto de quem experimenta a ascética da pureza
mas de quem vive todos os dias as tribulações do serviço.
Jesus, tu que lavaste os pés aos pobres pescadores,
ajuda-nos a compreender que os pés dos pobres
constituem a meta de todo o caminho espiritual que seja sério.
Quando te inclinaste sobre os calcanhares dos teus discípulos,
mostraste-nos quais são as basílicas
para onde devemos dirigir a nossa peregrinação.
Nas bem-aventuranças, disseste-nos que os pobres são bem-aventurados,
ou seja, que são os pobres que se salvam.
Mas depois acrescentaste:
“Benditos sois vós quando ajudais o pobre,
quando lhe dais de comer ou de beber,
quando lhe dais hospitalidade ou o visitais”.

Então, são os pobres que se salvam,
mas também os que são solidários com os pobres.
“Bem-aventurados vós, os pobres, porque é vosso o reino dos céus”.
“Vinde, benditos, entrai no reino,
porque tive fome e destes-me de comer”.
Por outras palavras, estás a dizer-nos:
“Benditos os que servem os pobres,
os que fazem causa comum com os pobres”.
Ajuda-nos, Jesus, a ser solidários com os pobres,
a ponto de ser seus amigos e irmãos.
Ajuda-nos, Jesus, a saber reconhecer-te
nos pobres e nos que sofrem,
para que eles nos recebam um dia na casa do Pai!

(Don Tonino Bello, bispo)

O presidente conclui a vigília conforme os costumes da comunidade.

BÊNÇÃO EUCARÍSTICA

De joelhos, canta-se o hino eucarístico:

*Tantum ergo sacramentum
venerémur cernui,
et antiquum documentum
novo cedat ritui;
praestet fides supplementum
sensuum defectui.*

*Genitori Genitroque
laus et iubilatio,
salus, honor, virtus quoque
sit e benedictio;
procedenti ab utroque
compar sit laudatio.
Amen.*

Veneremos, adoremos
A presença do Senhor,
Nossa Luz e Pão da Vida.
Cante a alma o Seu louvor,
Adoremos no sacrário
Deus oculto por amor.

Dêmos glória ao Pai do Céu,
Infinita Majestade;
Glória ao Filho e ao Santo Espírito!
Em espírito e verdade,
Veneremos, adoremos
A Santíssima Trindade!
Amen.

Oremos.

Senhor Jesus Cristo, que neste admirável sacramento
nos deixastes o memorial da vossa paixão,
concedei-nos a graça
de venerar de tal modo
os mistérios do vosso Corpo e Sangue,
que sintamos continuamente
os frutos da vossa redenção.
Vós que sois Deus com o Pai
na unidade do Espírito Santo.

Amen.

Se o presidente é um ministro ordenado, dá a bênção com o Santíssimo Sacramento.

ACLAMAÇÕES

Conforme os costumes da comunidade, proferem-se as seguintes aclamações:

Bendito seja Deus.

Bendito o seu santo Nome.

Bendito Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem.

Bendito o Nome de Jesus.

Bendito o seu Sacratíssimo Coração.

Bendito o seu Preciosíssimo Sangue.

Bendito Jesus no Santíssimo Sacramento do Altar.

Bendito o Espírito Santo Paráclito.

Bendita a excelsa Mãe de Deus, Maria Santíssima.

Bendita a sua santa e Imaculada Conceição.

Bendita a sua gloriosa Assunção.

Bendito o Nome de Maria, Virgem e Mãe.

Bendito São José, seu castíssimo Esposo.

Bendito Deus nos seus Anjos e nos seus Santos.

Enquanto se faz a reposição do Santíssimo Sacramento no sacrário, canta-se um cântico.

ANTÍFONA MARIANA

*Salve, Regína, Mater
misericórdiae,
vita, dulcédo et spes nostra, salve.
Ad te clamámus,
éxsules fili Evae,
ad te suspirámus, geméntes et
flentes
in hac lacrimárum valle.
Eia ergo, advocáta nostra,
illos tuos misericórdes óculos
ad nos convérte.
Et Iesum,
benedíctum fructum ventris tui,
nobis post hoc exsílum osténde.
O clemens,
o pia,
o dulcis Virgo María*

Salve, Rainha, Mãe de misericórdia,
vida, doçura e esperança nossa,
salve.
A Vós bradamos,
os degredados filhos de Eva,
a Vós suspiramos, gemendo e
chorando,
neste vale de lágrimas.
Eia, pois, Advogada nossa,
esses vossos olhos misericordiosos
a nós volvei.
E depois deste desterro,
nos mostrai Jesus,
bendito fruto do vosso ventre.
Ó clemente,
ó piedosa,
ó doce Virgem Maria.

ORAÇÕES A NOSSA SENHORA DOS POBRES

Virgem dos Pobres,
acompanha-nos a Jesus, única fonte de graça,
e ensina-nos a docilidade ao Espírito Santo,
para que se incendeie o fogo de amor
que veio trazer para que venha o Reino.

Virgem dos Pobres,
salva as nações:
dá-nos a graça de ser conduzidos por governantes sábios,
e faz com que todos os povos, pacificados e concordes entre si,
formem um só rebanho com um só pastor.

Virgem dos Pobres,
pede a cura para todos os que sofrem,
ampara os que, com amor, estão ao seu serviço,
dá-nos a graça de pertencer somente a Cristo
e livra-nos de todos os perigos.

Virgem dos Pobres,
conforta os doentes com a tua presença;
ensina-nos a carregar a nossa cruz de cada dia com Jesus
e dá-nos a graça de ser pessoas lealmente comprometidas
ao serviço dos pobres e de quem sofre.

Virgem dos Pobres,
intercede por nós junto do teu Filho
e obtém-nos todas as graças necessárias para a nossa salvação,
para a salvação das nossas famílias,
de todos os que se recomendam às nossas orações
e de toda a humanidade.

Virgem dos Pobres,
nós acreditamos em ti
e, confiando na tua intercessão maternal,

abandonamo-nos à tua proteção.
Confiamos-te o caminho da Igreja neste terceiro milénio,
o crescimento moral e espiritual dos jovens,
as vocações religiosas, sacerdotais e missionárias
e a obra da nova evangelização.

Virgem dos Pobres,
que nos disseste: “Acreditai em mim e eu acreditarei em vós”,
nós te agradecemos por confiares em nós.
Torna-nos capazes de tomar decisões de acordo com o Evangelho,
ajuda-nos a gerir a nossa liberdade no serviço recíproco
e no amor de Cristo para glória do Pai.

Virgem dos Pobres,
enche-nos de graças, dá-nos a tua bênção e transforma a nossa vida.
Faz com que ninguém se deixe subjugar pela escravidão e pelo pecado,
mas que todos se consagrem a Cristo, único Senhor.

Virgem dos Pobres,
Mãe do Salvador, Mãe de Deus,
nós te agradecemos pela tua disponibilidade diante da vontade divina
que, na sua bondade, nos deu o Redentor.

Nós te agradecemos, porque escutas as nossas súplicas
e as apresentas a Jesus, único mediador.
Ensina-nos a bendizer o Pai em todas as circunstâncias da nossa existência
e a viver frutuosa e a Eucaristia, alimento da vida eterna.

Virgem dos Pobres,
nós te apresentamos as nossas intenções,
para que tu intercedas por nós junto do Senhor,
obtendo para nós,
segundo a sua vontade e por meio da tua maternal intercessão,
todas as graças e bênçãos.

Amen.

INVOCAÇÕES A NOSSA SENHORA DOS POBRES

Virgem dos Pobres, acompanha-nos a Jesus, fonte de vida.
Virgem dos Pobres, salva as nações.
Virgem dos Pobres, conforta os doentes.
Virgem dos Pobres, alivia os sofrimentos.
Virgem dos Pobres, roga por cada um de nós.
Virgem dos Pobres, nós acreditamos em ti.
Virgem dos Pobres, acredita em nós.
Virgem dos Pobres, nós rezaremos muito.
Virgem dos Pobres, dá-nos a tua bênção.
Virgem dos Pobres, Mãe do Salvador e Mãe de Deus, obrigado!

(da Novena a Nossa Senhora dos Pobres de Banneux, Bélgica)

ORAÇÃO DO POBRE

PAI,
sou um pobre e é como pobre que Te peço:
concede-me a graça de viver com alegria na minha pobreza,
de ser capaz de fazer silêncio,
escutando os que são mais pobres que eu;
concede-me a graça de exultar com a alegria de ser pobre
com cada pobre e em favor de cada pobre,
como o teu Filho e meu Irmão Jesus;
concede-me a graça de fazer apenas a tua vontade.

JESUS CRISTO,
ajuda-me a compreender
a bem-aventurança da mansidão,
a responder à opressão
e a ajudar a libertar todos e cada um dos meus irmãos oprimidos,
sem fazer distinções de cor, raça ou religião.

Mestre humilde,
que te encontras escondido em cada pessoa abandonada,
na criança desprezada, no idoso sozinho,
na família sem casa e sem pão,
no migrante refugiado,
no toxicodependente e na prostituta,
no jovem à procura de um caminho,
em cada pessoa que passa mais necessidades que nós,
nós Te pedimos por todas estas pessoas e por todos nós:
lembra-te que somos uma só coisa em Ti,
o teu único corpo;
abre os nossos olhos, cura as nossas feridas
e, então, em tudo e em todos,
encontraremos a ocasião
de Te reconhecer e de Te amar,
entregando-nos a nós mesmos como Tu,
pão partido e partilhado.

ESPÍRITO SANTO,
só Tu és capaz de tudo pôr em movimento
e de tudo renovar:
torna-nos mais capazes de amar, mais acolhedores, mais próximos.
Que o nosso testemunho de vida inspire outros corações
a vencer a hipocrisia, a insensibilidade, a indiferença e o ódio
com o mesmo amor *que une* Jesus ao Pai.

TRINDADE SANTA,
Amor que não tem fim,
dá-nos a graça de saber responder ao clamor dos pobres
com esperança, com um sorriso, com uma perfeita alegria,
e que Te possamos servir, louvar, adorar e amar
em cada gesto gratuito e misericordioso
através da invocação silenciosa e constante
do teu Santo Nome.
Amen.

ORAÇÃO PELOS POBRES

**Senhor Jesus,
que Te fizeste pobre para nos enriquecer com a tua pobreza,
escuta a nossa oração.**

*Pelo frio do presépio e da noite de Natal,
lembra-te dos que não têm uma digna morada.
Pelo medo e pela insegurança da fuga para o Egito,
lembra-te dos migrantes e dos refugiados.
Pelos anos de pobreza vividos em Nazaré,
lembra-te de tantos homens e mulheres
que não ganham o suficiente para sustentar as suas famílias.
Pela dor que causastes a Maria e a José quando ficaste no templo,
lembra-te dos pais cujos filhos se perderam em maus caminhos
ou que foram raptados pelos motivos mais abomináveis.
Pela violência, pela injustiça, pela hipocrisia,
pelo ódio de que foste vítima inocente,
faz com compreendamos a bem-aventurança da mansidão,
da justiça e da paz.
Pelas horas terríveis no Calvário,
lembra-te dos que jazem nos seus leitos de dor,
sem saúde e sem recursos.
Pela intercessão de Maria, tua Mãe,
que cantou a eficácia da tua Providência para com os humildes
e os famintos,
ajuda-nos a vencer a nossa insensibilidade e indiferença.*

**Que todos os pobres experimentem
que, através de nós, discípulos do Ressuscitado,
se cumpre a promessa: “Eu estarei sempre convosco”.
Amen.**

*(Irmãs Franciscanas da Divina Providência
– Missão de Timor-Leste – Comunidades de Oecusse e Díli)*

PROPOSTAS PARA A CELEBRAÇÃO DO II DIA MUNDIAL DOS POBRES 2018

PARA PREPARAR O II DIA MUNDIAL DOS POBRES

No caminho para o segundo Dia Mundial dos Pobres, talvez se pudesse pensar na organização de *momentos de preparação* para esse dia; tais momentos poderiam ter lugar nas paróquias, nas dioceses, nas associações católicas, mas também nas escolas e universidades.

A preparação para este Dia Mundial poderá, então, articular-se em três fases, seguindo os verbos do Salmo 34, **gritar (clamar)**, **responder** e **libertar**, propostos pela mensagem do Papa Francisco, intitulada: “Este pobre clama e o Senhor o escuta” (que fazem lembrar os três momentos – ver, julgar e agir – do discernimento ético segundo a Doutrina Social da Igreja).

Gritar: poderia organizar-se ocasiões de escuta da voz de quem vive em condições de pobreza, para dar a palavra e escutar os testemunhos dos sem-abrigo, dos migrantes que tiveram de fugir para escapar à guerra e à fome, do pai de família que perdeu o trabalho e não consegue manter a família, dos idosos que passam os dias na solidão da sua casa, etc.

Responder: depois de ter escutado o testemunho dos nossos irmãos e irmãs que vivem em condições negativas, poderia organizar-se *momentos de partilha e de reflexão*, a nível comunitário, paroquial e diocesano, mas também nas escolas, para **responder, no sentido de participar na dor e nos sofrimentos do pobre e sentir compaixão por aquilo que lesa a sua dignidade humana**. Este encontro poderia ser também a ocasião para refletir sobre *a forma de pobreza que está mais próxima de nós* e, portanto, a “que causa mais incómodo” e se torna mais difícil de socorrer, bem como sobre o facto de nenhum de nós estar “imune” à pobreza: todos estamos “imersos em tantas formas de pobreza”.

Libertar: diante do drama humano da pobreza, o cristão e todos os homens de boa vontade não podem ficar indiferentes, mas devem procurar esforçar-

se por **libertar** os irmãos e as irmãs da condição de pobreza que os impede de gozar plenamente dos direitos humanos fundamentais e de se abrirem a um novo desenvolvimento humano integral. Nesta terceira fase, as paróquias, as dioceses, as associações católicas e as escolas podem levar a cabo iniciativas – algumas delas podem até prolongar-se no tempo – que procurem concretamente aliviar as duras condições dos nossos irmãos mais vulneráveis porque indigentes.

Talvez fosse importante, de modo particular, levar a cabo **uma ação de sensibilização para os temas da pobreza e de preparação para o Dia Mundial dos Pobres nas escolas**, uma vez que poderia ser uma ocasião importante de nova evangelização.

PARA VIVER O II DIA MUNDIAL DOS POBRES

Para a celebração do *II Dia Mundial dos Pobres*, domingo 18 de novembro, talvez seja possível pensar nas seguintes ações:

- ✓ Organizar a liturgia do domingo, de modo que se ressalte a presença dos pobres. Estes poderiam ocupar-se do serviço litúrgico, ler as leituras, recolher as ofertas e levar os dons ao altar;
- ✓ Preparar um postal com uma imagem e uma das orações presentes neste *Subsídio*, para ser distribuída aos pobres como recordação deste Dia;
- ✓ Organizar *ações simbólicas*, obras de misericórdia concretas para com os irmãos indigentes e marginalizados; por exemplo, almoços com os pobres nas paróquias ou em algumas famílias que se disponham a acolhê-los;
- ✓ Sugerir uma *recolha de ofertas especial* para este Dia, que seriam depois entregues a uma obra concreta que seja visível e que recorde o *II Dia Mundial dos Pobres*;

- ✓ Envolver as crianças e os jovens na celebração do Dia Mundial dos Pobres, com ações concretas de apostolado. De facto, a vida frenética do dia-a-dia, sobretudo nas grandes cidades, fez com que se perdesse o costume de se dedicar a obras de caridade, a obras de bem, a gestos de proximidade para com os pobres. O Dia Mundial poderia ser a ocasião para que os jovens sejam introduzidos e se aproximem mais das obras de misericórdia.

O LOGÓTIPO DO DIA MUNDIAL DOS POBRES

A dimensão da reciprocidade é correspondida pelo logótipo do Dia Mundial dos Pobres. É visível uma porta aberta e, à entrada, duas pessoas que se encontram. Ambas estendem a mão: uma porque pede ajuda, a outra porque pensa em oferecer ajuda. Na verdade, é difícil compreender qual dos dois é o verdadeiro pobre. Melhor, ambos são pobres. Quem estende a mão para entrar está a pedir partilha; quem estende a mão para ajudar é convidado a sair para partilhar. São duas mãos estendidas que se encontram, em que cada uma delas oferece algo. Dois braços que são expressão de solidariedade e que se provocam um ao outro, para que ninguém fique no limiar da porta, mas que ambos vão ao encontro um do outro. O pobre pode entrar em casa, quando quem está dentro tiver compreendido que a ajuda é partilha. Neste contexto, tornam-se ainda mais expressivas as palavras que o Papa Francisco escrevia na Mensagem para o I Dia Mundial dos Pobres: «Benditas as mãos que se abrem para acolher os pobres e socorrê-los: são mãos que levam esperança. Benditas as mãos que superam toda a barreira de cultura, religião e nacionalidade, derramando óleo de consolação nas chagas da humanidade. Benditas as mãos que se abrem sem pedir nada em troca, sem “se” nem “mas”, nem “talvez”: são mãos que fazem descer sobre os irmãos a bênção de Deus» (Papa Francisco).